

# Com a chegada do real, invertem-se os papéis

DENISE ROTHENBURG  
e MONICA GUGLIANO

BRASÍLIA — Quando o real entrou em circulação, em 1º de julho, nem os tucanos mais otimistas conseguiam imaginar um cenário tão favorável, nem os petistas mais pessimistas podiam supor os efeitos avassaladores junto ao eleitorado. Autor do plano econômico, o candidato Fernando Henrique Cardoso disparou nas pesquisas de intenção de voto. Atropelado pela popularidade da moeda, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva cometeu o equívoco de atacar o plano e, de favorito no início da campanha, pode sofrer sua mais dura derrota política.

Fernando Henrique começou sua campanha apostando que chegaria ao segundo turno. Lula assegurava que venceria no primeiro.

— A URV veio para preservar o salário do trabalhador. Quando chegar o real o povo vai perceber que o nosso plano é sério. Hoje os preços não sobem mais. A URV garante que o seu salário não perde o valor. Nós vamos para o segundo turno — afirmava o tucano.

— Os militantes não devem usar salto alto. Vamos fazer tudo para ganhar no primeiro turno, mas ainda falta muito para o dia da eleição — aconselhava o petista.

Antes da implantação do real, Fernando Henrique consumia seu discurso tentando explicar a aliança com os pefelistas e trabalhava para chegar ao segundo turno. Sem a sombra do real,

Lula continuava com suas caravanas pelo país, fazendo planos para o seu eventual governo.

Mas, com julho, começou o inferno petista. Tranquilo com os índices nas pesquisas, Lula embarcava na última caravana da sua campanha. No meio do rio São Francisco, recebia poucas notícias do que se passava no país e aproveitava os dias com a mulher, Marisa, dois de seus filhos e alguns assessores. Quando desembarcou da caravana, o real estava no bolso dos seus eleitores, mas os economistas do partido, certos do fracasso do plano, defendiam a estratégia de

atacar a moeda, enquanto a CUT propagava o slogan "Parece pesado, mas é real". Era o começo da queda.

— A inflação não vai cair porque o Governo não adotará as medidas estruturais que são necessárias. Essas medidas são impopulares.

Os preços estão no pico e os salários são baixos. Ninguém consegue comprar nada. Haverá desemprego e recessão — previa o deputado Aloizio Mercadante, um dos economistas do PT que aconselhavam Lula a atacar a moeda.

Em 1º de julho Fernando Henrique estava em Minas e fazia questão de deixar os refletores para o presidente Itamar Franco. Em todas as oportunidades, evitou tocar uma nota de real. Sem certeza sobre os efeitos da nova moeda nos eleitores, não assumia a paternidade das medidas econômicas. Mas não resistiu quando uma eleitora se aproximou de seu carro, já no fim daquele dia, e pediu seu autógrafo numa cédula de R\$ 1,00. Era o começo da virada.

*No dia 1º de julho,  
FH deu autógrafo  
numa cédula de  
R\$ 1,00. Era o  
começo da virada*